

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA IGREJA DE GAIA

J.A. Gonçalves Guimarães*

«Aqueles sítios aos quais uma longa e sedimentada memória de gerações, por uma ou outra razão, conferiu poderes sacralizadores, raramente esquecem estas qualidades mesmo quando já se perderam as razões originais»

TORRES, 1992, 169

LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO GERAL

A Igreja de Gaia¹ fica situada no Centro Histórico da Cidade de Vila Nova de Gaia, na encosta Nordeste de uma colina sobranceira ao Rio Douro, a meio caminho do rio e o alto do Castelo. Orientada no sentido aproximado Leste/Oeste, a sua fachada abre para a antiga rua da Igreja (actual rua de Viterbo de Campos) que, deste o cais de Gaia, dá acesso a outras vias que

conduzem ao ponto mais elevado da colina (77,8 metros) e às ruas que circundam a antiga vila medieval de Gaia. Algumas destas actuais vias sofreram alargamentos nos séculos XVIII e XIX.² As que nos ficaram da Idade Média são muito mais estreitas. No lado Norte do adro da Igreja ainda existe uma viela apertada, escadeada e empedrada, parcialmente entaipada e intransitável que, deste a beira-rio, conduzia ao alto do Castelo.

A igreja está construída sobre um socalco artificial que compensa e nivela a acentuada inclinação da vertente da colina. O muro de suporte do socalco, sob a cabeceira da capela-mor, acusa um desnível de cerca de 5 metros. O templo tem de

* Apartado 263 – 4430 Vila Nova de Gaia.
Director da Casa Municipal de Cultura / Solar Condes de Resende- Canelas 4405 V.N. de GAIA – PORTUGAL – Tel. 762 56 22. Assistente da Cadeira de Património Arqueológico da Universidade Portucalense Infante D. Henrique – Porto.

1. Adoptamos esta denominação porque nos parece a mais consentânea com a sua história centenária, dado que, como explicamos no texto, teve várias denominações ao longo dos tempos.

Igreja, porque efectivamente manteve o estatuto de igreja filial da matriz (Santa Marinha) ao longo dos tempos, mantendo «... uma antiquíssima Irmandade das Almas, a qual tem uma prerrogativa, que nenhuma outra gosa; e he o privilegio, e facultade de entrar de Cruz alçada na Cidade do Porto a buscar os seus Irmãos defuntos a casas particulares; ou dentro de qualquer dos Hospitaes das Ordens 3^{as}., ou da Misericórdia, e acompanhá-los a sepultar no cemiterio publico, ou particulares da mesma Cidade, podendo até entrar de Cruz alçada na Sé Cathedral; cujos actos tem praticado por um sem numero de vezes. Todas estas preeminencias lhe são devidas ou competem de direito em attenção á sua prioridade tanto pelo que respeita á povoação de Gaya, que he muito anterior á Cidade do Porto, como á mesma Igreja» (*Descrição*, 1881, 53).

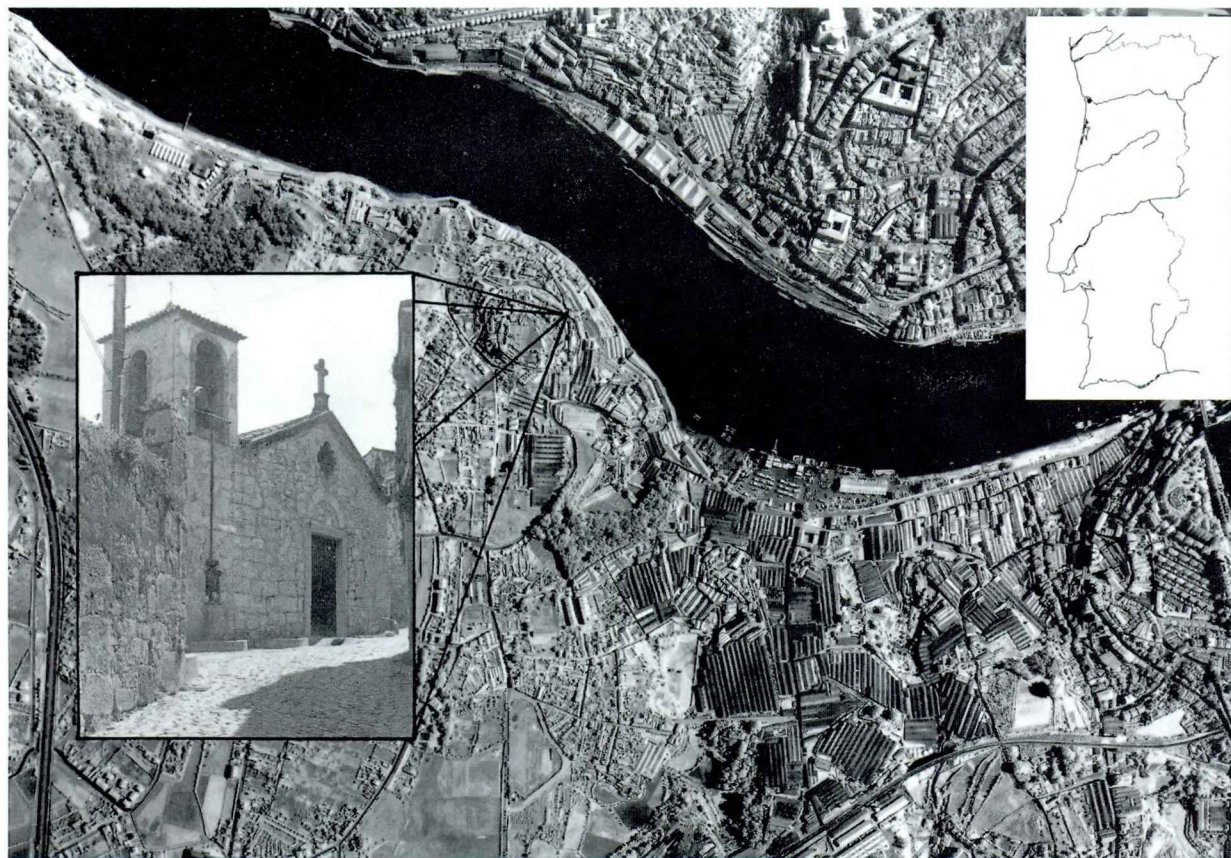
Em anos recentes era comumente chamada de Capela da Sr. da Bonança, designação essa que deve remontar apenas aos finais do século XIX. Antes, aparece como Cappela de Gaya, mas mantendo o título de Igreja do Bom Jezus de Gaya (*Descrição*, 1881, 52). No século XVI chamava-se Igreja do Crusefísio, denominação que deve remontar ao princípio desse mesmo século ou

a finais do anterior (CAMPO BELLO, 1984, 337). Posteriormente aparece como Igreja do Bom Jesus de Gaia. A denominação mais antiga deverá ser a de *ecclesia Sancti Martini de Gaya* (*D.M.P.-D.R.* 255).

A actual Confraria das Almas e o povo de Gaia continuam a chamar-lhe Igreja do Bom Jesus da Gaia. Só os *rabelo*, isto é, os moradores do lugar vindos de fora, lhe chamam ainda Capela da Sr. da Bonança.

2. A povoação da Gaia foi intensamente bombardeada durante o Cerco do Porto, devido ao facto de os miguelistas collocarem no alto do Castelo uma forte bateria para bater a Serra do Pilar e a Cidade do Porto. Com um elevado número de casas destruídas, várias ruas foram alargadas e outras entaipadas ou «incorporadas» em diversas propriedades, processo que só muito recentemente terá terminado (?). No Arquivo Histórico Municipal de Vila Nova de Gaia existe uma planta do século XIX que mostra o alargamento das ruas na área do Castelo.

Em anos não muito distantes existia um caminho muito estreito que, do Largo do Prior, passava por detrás da igreja sobre o socalco artificial e, com bastante declive ou mesmo escadeado, entroncava na viela que passa a Norte e a que nos referimos no texto. Este caminho foi entulhado, sendo o desnível compensado com um muro de tijolo e o seu entroncamento entaipado.



Estampa I. Localização da igreja de Gaia. Escala 1:10.000.

comprimento máximo 17,5 metros e a largura do corpo principal é de 7,75 metros. A sua área de implantação, considerando o pequeno adro a Norte e o Largo do Prior a Sul é de 576 metros quadrados.

A igreja compõe-se de dois corpos simples e justapostos, a capela-mor e o corpo principal, a que estão adossados a sacristia a Sul e a torre sineira a Norte, esta no alinhamento da fachada, à qual se sobe por uma escada exterior a partir do adro. Em época recente foi aqui construída uma capela mortuária com materiais de construção modernos, a qual destoa completamente do conjunto. Mas ao longo dos tempos este sofreu diversas obras de alargamento e «beneficiação» que o foram alterando e descaracterizando. Actualmente apresenta o aspecto de uma pequena igreja com frontaria da segunda metade do século XVII, devendo a torre sineira datar do século XVIII.

A capela-mor evidencia alguns paramentos de boa silharia, com uma fresta a Nascente e uma outra na parede Norte, onde igualmente se abria uma porta de acesso para uma outra divisão, actualmente inexistente, tendo neste espaço sido

construído um quarto de banho e a recente capela mortuária. Estas aberturas estavam totalmente entaipadas antes das actuais obras de recuperação.

As paredes da capela-mor mostram que o telhado foi alteado duas vezes em época indeterminada. A parede do lado Norte tinha brechas antigas. A empena da cabeceira é coroada por uma pequena cruz de pedra.

O corpo principal da igreja é separado da capela-mor pelo arco triunfal, feito ou refeito provavelmente no século XIX e que é de muito menor espessura do que a primitiva parede onde se abre. Antes das obras recentes tinha a pedra de fecho descida e a sua parede de encosto, a Norte, apresentava também grandes brechas.

A nave de igreja, mais elevada do que a capela-mor, apresenta além da porta principal na fachada virada a Poente, duas portas laterais, uma de cada lado junto ao arco triunfal, que se abrem ao nível do piso térreo. A parede Norte, para além desta porta, apresenta uma outra a nível mais elevado, presentemente entaipada, que dava acesso ao púlpito que se abre a meio da parede, subindo a escada de pedra exterior que leva à porta da torre

sineira. O campanário abre-se igualmente para o interior da igreja através de uma terceira porta que dava acesso a um coro contruído em madeira e ao órgão de tubos, suportado por um estrado cravado na parede Sul, onde, para além da porta já referida, se abre um janelão engradado, que presentemente dá para a sacristia. O coro e o estrado de suporte de órgão foram retirados nas obras recentes.

A fachada, voltada a ONO, apresenta um amplo portal rectangular, construído após as obras que destruíram a porta medieval e cujas ombreiras foram recobertas por nova cantaria tendo as aduelas do arco sido utilizadas para compôr um incipiente arco de descarga e suporte de um óculo seiscentista. A soleira foi elevada. A parede exterior apresenta cantaria nitidamente reutilizada, mas com paramentos com alguma unidade sobretudo no cunhal SO. Uma pedra junto à base apresenta uma sigla gravada: um nítido Z. A empena, rematada por uma cornija de tijolos, é coroada por uma cruz de pedra e duas pirâmides em cimento.

A sacristia, que comunica com o corpo principal através de uma porta na parede Sul e pelo janelão já referido, aninha-se no prolongamento do telhado da igreja. Situada a um nível mais baixo do que a soleira da porta principal, desce-se para a sua porta por degraus em granito. Na sua parede exterior, a Sul, abrem-se duas pequenas janelas engradadas. No interior tem encastado na parede um lava-mãos em granito de provável factura tardo-medieval.

A torre sineira, adossada à parede Norte e alinhada com a fachada, sobreeleva-se acima do telhado, abrindo-se o campanário através de dois olhais, com arcos de volta perfeita (a O e a N) e duas portas, já descritas (a da escada a E e a do coro a S). Possui dois sinos antigos, ao maior dos quais está ligado pela parede exterior que alinha pela fachada um sistema de aviso contra incêndios composto por uma caixa de ferro e um tubo do mesmo material, de onde se puxava um arame que accionava um badalo exterior.

Este mecanismo tem a seguinte inscrição: CAMARA DE GAYA / 1853. Trata-se do equipamento outrora existente em várias igrejas de Gaia e do Porto para alertar as populações e os bombeiros contra os incêndios.³

3. Este mecanismo ainda existe no exterior da Capela de N.ª S.ª da Esperança na Cidade do Porto, com a pauta dos toques para cada bairro da cidade. Também a torre sineira do Mosteiro da Serra do Pilar teve um mecanismo idêntico, conforme se pode ver em fotografias do princípio do século.

A torre é coberta por um telhado piramidal de quatro águas, encimado por uma cruz em ferro. Tem evidentes analogias com a torre da igreja de S. Salvador de Coimbra, com a mesma gramática construtiva, variando apenas as dimensões, mais pequenas em Gaia.

A Norte possui a Igreja, como já referimos, um pequeno adro franqueado por um portão de ferro e ao fundo do qual se ergue a tal capela mortuária recente. Todo este conjunto está assente, como já referimos, num socalco artificial, com paredes de reforço a Norte e a Nascente, que suportam a construção, e em tempos circundado por dois caminhos estreitos.

Tanto a igreja como a própria povoação são muito antigas. Para além da documentação histórica que se lhe refere, pelo menos desde o século X,⁴ e de haver fortes provabilidades de aqui se ter localizado o *Portucale Castrum* da Crónica de Idácio (séc. V), ou o *Portucale castrum antiquum* do Paroquial suevo de 569 ou da Divisão de Teodomiro de 572,⁵ quer em achados fortuitos (MATTOS, 1936), quer através de escavações arqueológicas, está comprovada aqui a existência de um povoado castrejo que foi romanizado (SILVA, 1984) e que teve importante projecção ao longo da Idade-Média (GUIMARÃES, 1989), até à destruição do seu castelo em 1384 e a consequente integração das povoações de Gaia e de Vila Nova na administração da Cidade do Porto no reinado de D. João I.

CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

Alguns autores têm aventado a hipótese de esta ter sido a primitiva igreja de Santa Marinha que

4. A referência escrita mais antiga a Gaia (sob a forma Gál) existe num documento datado de 992 (D.C. 25: L.P., 1977, pág. 120), mas que deverá ser uma cópia de cerca de 1116 (OLIVEIRA, 1967, 48). Uma outra referência, sob a forma de Alcária Nova de Gaia existe na Crónica de Edrisi, de inícios do século XII, mas pode ser uma referência à *Villa* de Portugal de 922, futura Vila Nova dionisia; de Gaia para a distinguir das restantes alcarias indicadas no texto.

5. A crítica da validade histórica destes documentos, à sua autenticidade, às interpolações tardias, à sua datação e às suas denominações encontra-se exaustivamente explanada nas notas do Pe. Avelino de Jesus Costa, Tomo I, pags. 8 e seguintes e Tomo II, pag. 348 e seguintes da sua edição do *Liber Fidei*, as quais corroboram a existência, pelo menos por volta de 572-585, de um *Portucale castrum*, posteriormente adjectivado de *antiquum* ou *romanorum*, na margem esquerda do Rio Douro (L.F., I, 1965, pag. 17).

deu o nome à própria freguesia (ver FERNANDES, s/d, GEPBC, XXV, 670).

Isso explicaria algumas confusões hagionomásticas da documentação medieval que se refere às igrejas de Gaia e de Vila Nova (MOREIRA, 1987) e em que a primeira aparece sistematicamente sem orago. Porque a igreja de *Portucale Castrum* teria o mesmo que a da *Villa de Portugal*? Não é impossível, que o orago do *monasterium in ipsa uilla uocabulo sancta maria* (D.C.-12, [897] 947) seja o mesmo da *eygreia... de Gaya* de 1291 (MOREIRA, 1987, 105), pois Santa Marinha aparece igualmente como padroeira de outros mosteiros e igrejas do futuro Julgado de Gaia, (ver MATTOSO, 1968).

Mas cremos antes que, pelo menos no século XII, a Igreja de Gaia teve como orago S. Martinho. Já em 1059 a *villa santa maria* (por marã, marinha) se dizia *inter riuulo... (?) et sancto martinu* (D.C. - 420, pág. 262) e em 1155 D. Afonso Henriques doa ao Mosteiro de Santa Maria da Salzeda a *ecclesia Sancti Martini de Gaya cum piscaris et pertinentiis suis* (D.M.P.-D.R. 255) que depois confirma, indicando os limites em 1161 (D.M.P.-D.R. 277, 354; FERNANDES, 1985, 116 e segs).

Este casal de *Sanctum Martinum*, perto do *casale quod fuit sedis Portugalensis quod est in Gaya* (Foral, 1255), propriedade da igreja de Gaia, que aparece assim referido no Foral de D. Afonso III, não aparece obviamente no Foral de Vila Nova de 1288, porque está fora da área desta outra povoação. No de 1518 ainda se fala na *veiga do arynho de sam martinho*. Estas sucessivas referências mostram como as propriedades da igreja de Gaia vão sendo reduzidas e mudando de proprietário ao longo dos tempos.

Mas como explicar então que a igreja de S. Martinho de Gaia não apareça na lista do *Censual do Cabido* atribuída aos anos 1174/1175 (OLIVEIRA, 1967, 223 e segs.) ou no Rol anterior a 1238 (*idem*, 233), ou no *Catálogo* das igrejas de 1320 (*idem*, 237)? Em 1292 a igreja de Gaia aparece claramente referida em três documentos, sem qualquer possibilidade de confusão com a igreja de Santa Marinha de Vila Nova, o mesmo acontecendo em 1298 (MOREIRA, 1987, 105/106). Mas a confusão documental volta a estabelecer-se no século XIV, talvez não por causa do orago, mas porque muitos escrivães confundiam Gaia com Vila Nova, as duas povoações que existiam dentro de uma única freguesia chamada de Santa Marinha (MOREIRA, *op. cit.*).

Em 1557 os habitantes de Gaia afirmavam que *....a Igreja do Crusefisio que se hora mandava Correger e Rapairar Era muito antiga das mais deste Reyno em tanto que della tomara o nome o Reyno de Portugal por rezão de dita villa* (CAMPO

BELLO, 1984, 337) e onde ouviam missa *ha tanto tempo que não ha memoria d'homens* (*idem, idem*, 1569), pois a igreja era *muito antiga, tinha Campanário Antigo* (*idem*), mas que nela cabiam a *quarta parte dos habitantes de Gaia* (80 fregueses, isto é, fogos ou cerca de trezentas almas), o que, aliás, também aconteceu com a igreja de Santa Marinha de Vila Nova (*idem, idem*, 338, 1569).

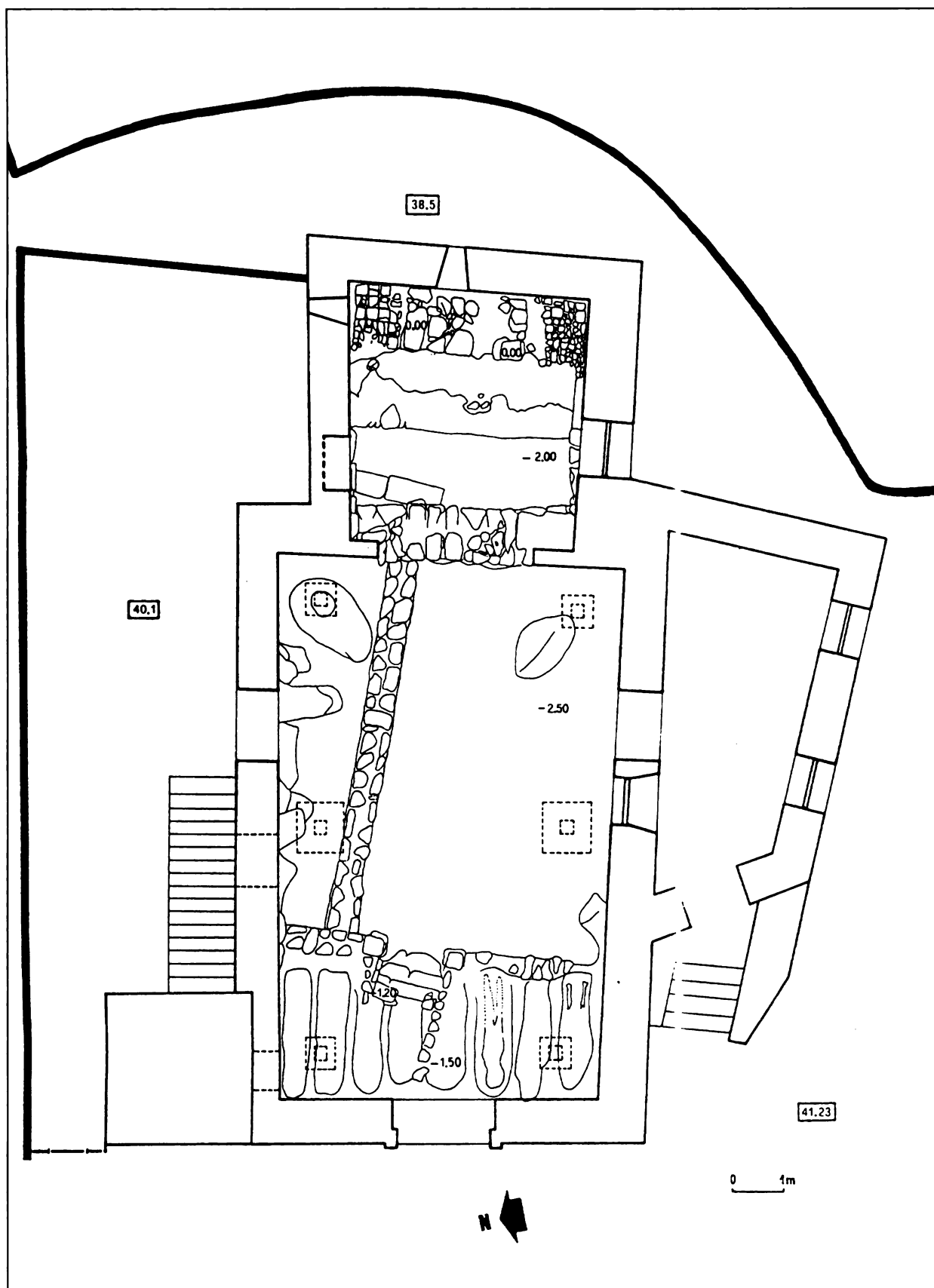
Trata-se pois de uma igreja medieval com prerrogativas especiais, que lhe virão a merecer o tratamento posterior de *filial da igreja matriz* da freguesia (COSTA, 1983, 160, [1758]).

Não obstante a sua antiga importância, a degradação do templo e da respectiva Confraria das Almas acompanhou a degradação da Vila de Gaia, muito maltratada pelos bombardeamentos durante as lutas liberais.⁶ Com o abandono do lugar pelas famílias nobres ou burguesas ricas, nos finais do século XIX já era conhecida simplesmente por Capela da Senhora da Bonança, dado que a maioria dos habitantes era então constituída por famílias ligadas à faina marítima e fluvial, muitos deles vindos de fora. A degradação foi-se acentuando até 1987, ano em que foi solicitado à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia a realização de obras adequadas a uma igreja situada num Centro Histórico,⁷ o que permitiu igualmente a realização de escavações arqueológicas, cujos resultados passaremos a descrever.

6. Ver nota 2. A própria igreja de Gaia parece ter sofrido com os bombardeamentos pois algumas paredes tinham brechas muito largas que podem não ter sido só originadas pelo deslocamento dos terrenos e muros de suporte. Isso explicaria igualmente a não existência de altares anteriores ao século XIX, embora existam algumas imagens importantes do século XVIII.

7. O Regulamento do Centro Histórico de Vila Nova de Gaia determina que nas obras de restauro ou beneficiação em edifícios localizados nesta área classificada, sempre que apareçam elementos ou vestígios com interesse histórico ou arqueológico, o seu estudo e enquadramento passe a ser feito pelo Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, do qual o autor é membro.

Nessa conformidade, após o pedido de colaboração da Junta de Freguesia de Santa Marinha e depois de aprovado o plano de obras nesta Igreja, por deliberação da Câmara Municipal de Novembro de 1987, passamos a acompanhar os trabalhos, cientes do grande interesse arqueológico de que uma intervenção neste local se poderia revestir, até pelo conhecimento que tínhamos da área e da própria Igreja de Gaia. Nesse sentido contactamos os Departamentos da Arqueologia e de Arquitectura do ex-I.P.P.C., a fim de obtermos autorização para uma intervenção de emergência, dado que o templo precisava de obras urgentes, sendo o único existente para a realização de actos religiosos da população local, que por este edifício nutre especial dedicação.



Estampa II. Planta da Igreja de Gaia e da área escavada.

ESTRUTURAS, ESTRATIGRAFIA E ESPÓLIO

As escavações arqueológicas que dirigimos nos anos de 1988 e 1989 fizeram-nos compreender as sucessivas fases de construção, reconstrução e alteamento dos edifícios que existiram neste local (GUIMARÃES, 1989). O prosseguimento das escavações em 1992 e o estudo demorado do espólio até agora exumado, tem-nos permitido tirar mais algumas conclusões que iremos passar a expôr, concentrando o nosso estudo nos vestígios paleocristãos e mediévidicos e deixando, por ora, os posteriores ao século XVI. Dado que só foi ainda escavada a área interior da igreja e sendo nosso propósito escavar o Largo do Prior e o adro logo que as condições o permitam, as conclusões aqui apresentadas são necessariamente provisórias, mas representam por si só um grande avanço nos nossos conhecimentos sobre a Idade Média local.

Assim, sobre o afloramento granítico,⁸ situado à cota negativa média de -2,50 metros abaixo do

A intervenção foi autorizada por despacho de 5 de Janeiro de 1988 (Processo DA-87/1 (247)), ficando sob a alçada do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro e integrada no nosso projecto de investigação em Arqueologia intitulado «O Povoamento medieval na margem esquerda do Rio Douro», aprovado a 2 de Junho de 1986.

A intervenção arqueológica na Igreja, teve início no dia 30 de Janeiro de 1988 e prolongou-se até 1 de Abril de 1989, conforme tínhamos previsto no Relatório Preliminar apresentado à Câmara em 16 de Março de 1988. (Ver GUIMARÃES, 1989; as legendas das gravuras das páginas 20 e 22 estão erradas, facto a que somos completamente alheios, pois não contavam das provas que a revista nos apresentou para rever).

Em Maio de 1992 retomamos as escavações no sentido de proteger as ruínas já descobertas, aquando do assentamento dos pilares para suporte da placa do chão da igreja e da consolidação dos «alicerces» com betão injectado.

Se não fora esta nossa intervenção as ruínas seriam seriamente danificadas, dado que não havia qualquer direcção de obra no local por parte dos técnicos responsáveis pelo Centro Histórico de Vila Nova de Gaia.

8. Em apoio das obras de consolidação efectuadas na Igreja de Gaia e «visando a caracterização dos terrenos de apoio às fundações», a firma Belbetões, Ld^a., realizou trabalhos de prospecção mecânica através de sondagens de rotação e ensaios de penetração dinâmica no corpo principal da igreja (na vertical) e através do muro de suporte do soalco em que assenta a igreja, este com 20° de inclinação.

Os ensaios de penetração dinâmica realizados junto dos «alicerces» das paredes Sul e Norte da igreja, que atingiram respectivamente 8,20 e 11,5 metros abaixo do ponto 0 revelaram a existência de «uma espessa camada de alteração da rocha granítica, essencialmente argilosa (caulinífera), intercalando níveis mais arenosos (saibro)... evidenciando... que se trata de um solo residual argiloso, que a furação e a água de circulação desagregaram quase completamente:

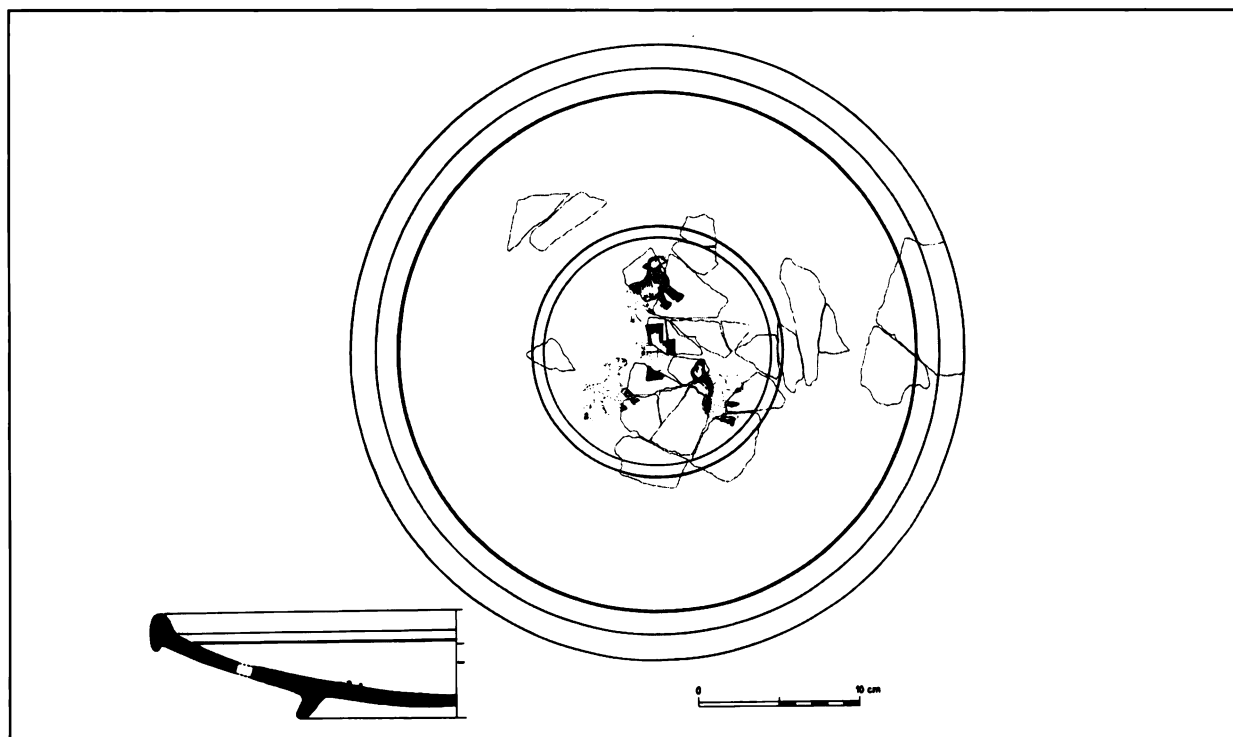
A sondagem de rotação também efectuada junto da parede Sul alcançou «um nível de granito com menor grau de alteração» entre os 1,5 e os 17 metros abaixo do ponto 0.

ponto 0 (nível do soalho existente antes das obras), descobrimos as ruínas de um edifício paleocristão violentamente destruído no século VI, sobre o qual existiam vestígios de um edifício da Alta Idade Média também violentamente destruído e incendiado, e finalmente, ao nível superior, coincidindo com parte da igreja actual, alguns paramentos de parede de Baixa Idade Média, sucessivamente alterados, reforçados e alteados ao longo das épocas Moderna e Contemporânea e que as obras recentes vieram mostrar. Passaremos a analisar em pormenor cada um destes sucessivos níveis arqueológicos.

Ruínas Paleocristãs

Dentro do espaço da planta da actual igreja encontramos um muro no sentido NNE/SSO a cerca de 2,5 metros do alicerce da fachada actual que passaremos a designar por M 1. Este muro como que travava um soalco de saibro onde se abriam sepulturas antropomórficas de época posterior, apenas contrariado pela abertura de uma escadaria em granito com cerca de 1,5 metros de largura da qual subsistem quatro degraus. A escavação revelou que a escadaria prosseguia até uma cota mais elevada, pois ainda existiam vestígios do seu alinhamento. Os degraus que faltam terão sido destruídos para abrir as sepulturas já referidas ou para alinhar a grelha sepulcral existente na época Moderna (ver GUIMARÃES, 1989). Este muro encontrava-se muito derrubado do lado SSO devido ao facto de por ali terem rolado enormes blocos de granito que devem ter contribuído para o derrube do edifício, ou de um outro construído sobre os seus escombros na Alta Idade Média, pois ambos tiveram destruição violenta, como já indicamos. A NNE o muro apresenta-se mais bem conservado, com mais de 1 metro de altura e com aparelho regular. Deste lado partia um outro muro (M 2), perfeitamente perpendicular ao primeiro e que no sentido ONO/ESE, continuava até ultrapassar a sapata do arco triunfal para terminar em ângulo recto já na área da actual capela-mor, com um total

A efectuada através do muro de suporte, iniciada á mesma cota do piso das ruínas paleocristãs (-2,50 m) definiu que a estrutura em alvenaria tinha 1 metro de espessura, «com uma camada de aterro por tardo» que deve corresponder ao entulhamento para construção da igreja alti mediévidica, até encontrar os «níveis de solo residual argiloso». Esta sondagem veio revelar não só a composição dos terrenos sobre que assenta a igreja, mas o quão interessante, do ponto de vista arqueológico, seria prosseguir as escavações na área envolvente (ver Relatório da *Prospecção Igreja do Bom Jesus Vila Nova de Gaia*, Belbetões/S.T.A.P., Dezembro de 1990).



Estampa III. Igreja de Gaia: sigillata africana tardia. Hayes 104 A – 530-580 d.C.

de 9 metros de comprimento. Deste ângulo parte uma outra parede para NE (M 3) que, ao contrário das anteriormente descritas construídas com duas faces de pedra aparelhada e enchimento central, esta é formada por grandes blocos de granito bem aparelhados e esquadriados, o que nos leva a pensar que estamos perante uma parede de fachada ou o pedestal de uma colunata, dado que nos entulhamentos deste canto do corpo principal da igreja descobrimos um fuste partido, de bom granito e também bem aparelhado, ainda com 1 metro de comprimento e cerca de 30 centímetros de diâmetro. Neste canto, também ao contrário do restante «alicerce» da igreja feito de pedras em posição caótica, aqui existe um muro (M 4) de grandes blocos graníticos bem aparelhados, paralelo ao muro de maior comprimento atrás descrito (M 2), e que seria parte de uma outra parede mais interior.

Para além das diferenças de material e de técnica de construção dos muros atrás descritos, encontramos vestígios de estuque com óxidos negro e vermelho junto de M 2, o que pode querer significar que o muro tinha reboco pintado. Por todo o espaço delimitado pelos muros M 1 e M 2 encontraram-se tijoleiras de argila alaranjada clara, com as dimensões de

19 x 18 x 5,5 cm, talvez de um pavimento que o deslizamento dos terrenos e concerteza o peso dos materiais dos entulhamentos posteriores fizeram sair das posições iniciais e concentrar-se junto da sapata do arco triunfal da igreja, para onde o suporte de saibro pende nitidamente.

Analisando a planta das ruínas deste edifício e a planta da actual igreja que lhe está sobreposta, de imediato se pode verificar que, ao contrário do que sucede com as paredes da capela-mor e do corpo principal, a planta da actual sacristia parece ter uma relação directa com os alinhamentos dos muros destas ruínas. A escada de acesso à sacristia é paralela e de largura semelhante à que abre em M1, dentro da igreja a sua parede exterior Sul é praticamente paralela ao muro M 2 e a parede de fecho da sacristia SO/NE aparece com a mesma orientação do muro M 3, o tal formado por grandes blocos graníticos aparelhados. Isto quererá dizer que estas paredes assentam sobre o que resta da parte do edifício paleocristão que lhe serve de alicerce? Só a continuação das escavações o poderá revelar, mas se fôr essa a razão, o que poderá explicar o seu traçado oblíquo em relação à planta da igreja actual?

Um dos problemas que de imediato se nos colocou foi o da cronologia destas ruínas. Elas aparecem relacionadas com um extenso nível de *tegula* que cobria toda a área disponível, sobre o qual a camada de entulhamento era demasiado caótica, formada por pedras de derrube dos muros, mas igualmente por enormes blocos graníticos que obviamente não pertenciam à construção existente. As *tegulae* só por si apenas queriam dizer que as ruínas eram anteriores à Baixa Idade Média.⁹ Porém neste estrato 03 sob a *tegula* e sobre as tijoleiras, viemos encontrar um número abundante de fragmentos de cerâmica importada bem característica e perfeitamente datável do século VI d.C.; estávamos pois perante um edifício paleocristão que deverá ter sido destruído depois de 580 d.C., a avaliar pelos resultados disponíveis do estudo ceramológico.¹⁰

De entre os muitos fragmentos de cerâmica resultantes desta intervenção –cerca de 15.000–destacam-se neste estrato os da *Cerâmica Foceana Tardia*, que pertenceram a peças importadas da zona oeste da actual Turquia entre meados do século V e 1.ª metade do século VI d.C., nomeadamente alguns bordos da forma 3, variantes A, B, C, E, F (DELGADO, 1992, 126; BELTRÁN LLORIS, 1992, 279). Algumas destas peças são susceptíveis de reconstituição integral.

Estão igualmente presentes fragmentos de *Sigillata Africana Tardia*, dos quais destacamos um prato Fabrico D, 2ª fase B, com a forma Hayes 104 A, tendo estampilhados no fundo três cordeiros em volta de uma *Jewweild Cross*, cuja data de fabrico é apontada para o período entre 540 e 580 d.C.. Trata-se de uma produção típica da zona de

9. A utilização das *tegulae* até à Baixa Idade Média é um dado adquirido. Veja-se, por exemplo, as pinturas de Giotto sobre a vida de São Francisco na Basílica de Assis, nomeadamente o quadro n.º 4, *Francisco «Repara a Igreja»*, executado por volta de 1300 e onde se vê muito bem pintado um telhado de *tegulae* e *imbrices* ainda que simbolicamente arruinada (MAGRO, 1990, 62 e 66).

Uma tentativa de interpretação das *tegulae* quanto à forma e quanto à cronologia foi já por nós tentada, aguardando-se a sua publicação (GUIMARÃES, [1987]). Temos em preparação um estudo sobre as *tegulae* da Igreja de Gaia.

10. A grande quantidade de fragmentos cerâmicos saídos desta escavação e sobretudo a sua diversidade, tem motivado a morosidade do seu estudo, que está a ser feito na Oficina de Arqueologia que funciona no Solar Condes de Resende sob a nossa orientação, contando com o empenhamento de alguns licenciados e estudantes que realizam este trabalho em regime de voluntariado. A falta pessoal especializado, nomeadamente em desenho arqueológico e em restauro, não tem permitido o adiantar da publicação do Catálogo o que, no entanto, se fará a seu tempo.

Cartago, caracterizada pelo seu engobe avermelhado, existente só no interior, e pelos bordos de tipo almendrado (BELTRÁN LLORIS, 1990, 136).

Uma outra pergunta para a qual ainda não temos resposta é a de que tipo de edifício se tratava: religioso ou civil? Um templo ou uma casa? Ou teria tido outras funções?

A quantidade de cerâmica importada, que parece ter sido partida pela destruição do edifício, sugere uma certa riqueza local confirmada pela descoberta de um brinco em ouro e cristal de rocha, se bem que um fragmento de cerâmica com um gato de bronze indique já um período de certa decadência.

A grande quantidade de fragmentos de vidro de várias taças encontradas no largo espaço –chamemos-lhe ainda assim à falta de melhor denominação– definido pelos muros M 1 e M 2, poderia sugerir que se trata de uma área de banquetes ou de copa, a que não faltam o acrescento doméstico de um peso de tear e de um cossoiro, coberta por um telhado que se encontrou abatido a separar os estratos 02 e 03, o que parece indicar que o mesmo caiu devido ao incêndio que acompanhou a destruição do edifício.

Mas também aqui temos de esperar por novos dados para poder afirmar no que ora são apenas hipóteses. Como é sabido e costumeiro, os templos sucedem-se no mesmo lugar ao longo dos tempos e a Igreja de Gaia tem uma enorme carga lendária que a remete para épocas remotas que esta intervenção arqueológica confirmou.

Dos poucos elementos decorativos encontrados, para além dos vestígios de estuque já referido, destacam-se quatro fragmentos de capiteis cujas características passaremos a apresentar:

a. Extremidade de capitel de pilastra de tipo corintizante, em granito de grão fino de duas micas; B5.02; 07-01-1989.

b. Extremidade de capitel corintizante em granito de grão fino de duas micas; B5.02; 14-01-1989.

c. Extremidade de capitel corintizante em granito de grão fino sem biotite; B5.03; 11-03-1989.

d. Volutas de capitel corintizante em granito de grão fino sem biotite; B5.03; 11-03-1989.

Após o cuidadoso estudo destes fragmentos concluímos que:

1. O fragmento A pertencia a um capitel de pilastra que apresenta numa das faces motivos decorativos iguais, embora de melhor factura, aos das restantes extremidades (B e C).

2. Que os fragmentos B e C, ambos de capiteis de tipo corintizante, tinham motivos idênticos aos

do fragmento A, mas mais rudes e em ambas as faces. Mas provavelmente não pertencem ambos ao mesmo capitel devido à diferença da composição do granito, embora tal não seja impossível.

3. Que o fragmento com duas volutas (D) pode ter pertencido ao capitel a que pertenceu o fragmento C.

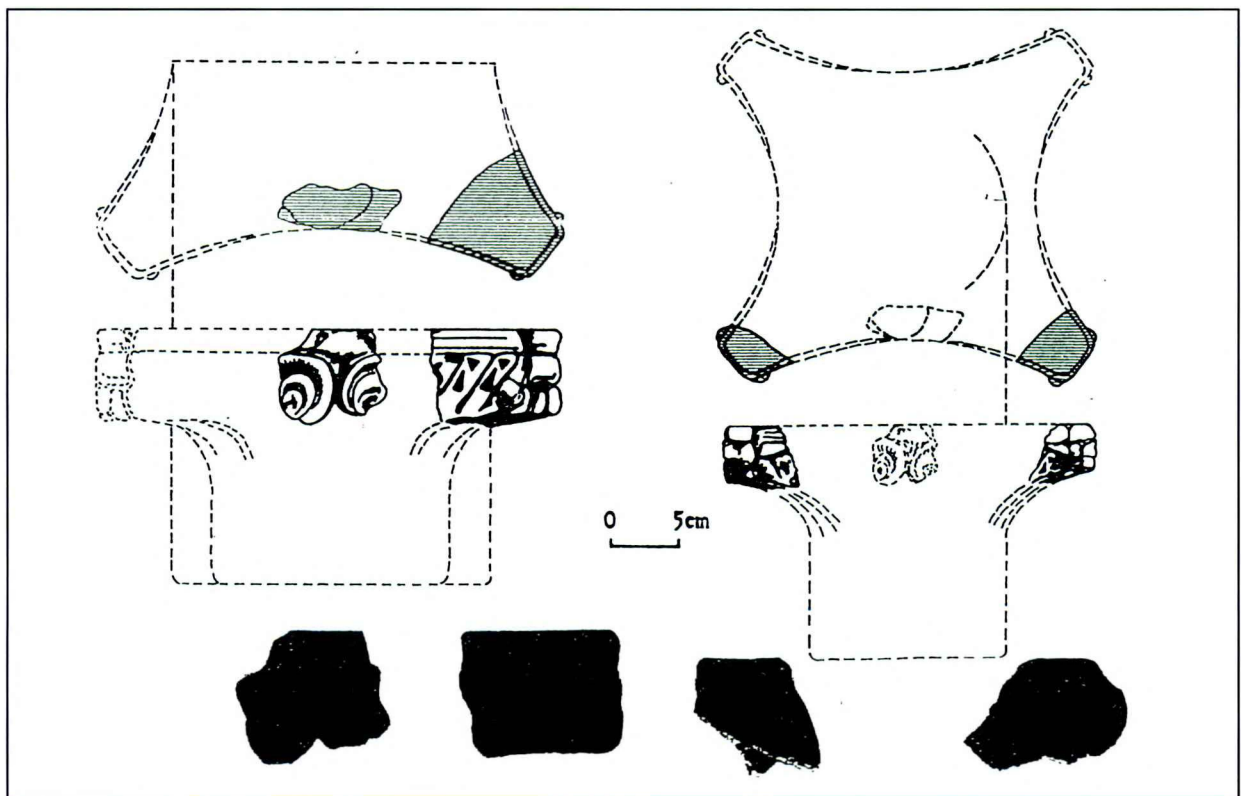
Tinhamos assim referenciada a existência de um capitel de pilastra e de dois capiteis provavelmente quadrilobados de que infelizmente não foram encontradas as corbelhas.

Todos estes fragmentos apareceram no mesmo quadrado (B5), no nível mais baixo do estrato 02, o que nos leva a relacioná-los com as ruínas paleocristãs. A sua particular decoração, formada por profundos sulcos talhados que definem trapézios em posição oblíqua no interior dos quais foram gravadas cavidades triangulares, remete-os para uma estética clássica para a qual não temos paralelo. Por esse motivo não recusamos a hipótese de terem pertencido ao edifício que foi destruído nos finais do século VI e que inclusivamente pode ter recuperado alguns materiais construtivos e decorativos anteriores.

Vestígios altimedievicos

No estrato 02 já referido, constituído por uma camada de derrube com pedras faceadas como as dos muros paleocristãos e grandes blocos informes, foram também encontrados outros elementos de cantaria que não faziam parte nem das estruturas descritas, nem da igreja actual, o que nos levou a concluir pela existência de um edifício altimedievico que também foi destruído. Esse nível de destruição era evidente numa camada de cinza e cerâmica no «alicerce» da parede do corpo principal da igreja no lado Sul, ao nível do estrato 01, que corresponde à camada sepulcral da igreja. Os constantes enterramentos e revolvimentos ao longo dos séculos destruíram este nível na restante área onde também deve ter existido, mas deixaram intacta a camada de derrube que serviu de «alicerce» à igreja.

Estes vestígios de um primitivo templo são de carácter arquitectónico: parte de uma imposta com jamba; meio tambor de coluna lisa; uma grande pedra almofadada e mais alguma cantaria não decorada. Todos estes elementos são demasiado fragmentários para caracterizar um edifício ou



Estampa IV. Igreja de Gaia: fragmentos de capitel.

mesmo uma época. Para a imposta há paralelos noutras igrejas almediévicas mas a falta de decoração não ajuda a uma datação mais precisa. O almofadado aparece em edifícios do século X.

Com estes dados tão escassos não podemos concluir muito mais sobre este outro edifício, do qual restaram tão poucos elementos. Na cabeceira da actual capela-mor na parede exterior existe ainda, reaproveitada, uma outra pedra com vestígios de almofadado.

Com este segundo edifício parecem estar relacionadas as sepulturas antropomórficas abertas no saibro e alinhadas entre a fachada e M 1. Referimo-nos unicamente às três primeiras a partir do canto SE do templo actual e orientadas no sentido O/E, pois as restantes cinco são de data posterior, não só porque destruíram parte da escada que se abre em M 1, como inclusivamente as três primeiras sepulturas já referidas foram parcialmente afeiçoadas, isto é, reescavadas, para melhor se integrarem na «grelha sepulcral» existente dentro da igreja actual. Nestas três sepulturas não foi encontrado qualquer espólio que parecesse estar *in situ*; na primeira, a contar da parede, existiam ainda duas tíbias e vestígios de terra óssea; a segunda estava vazia e na terceira ainda foi possível detectar um negativo humano adulto formado igualmente por terra óssea. Será que estas sepulturas foram escavadas no exterior da igreja alti mediévica e, após a sua destruição e consequente construção da actual, só então ficaram no interior? Também para responder a esta questão só o prosseguimento das escavações na área envolvente nos poderá dar novos elementos.

Temos também dificuldade em relacionar outro tipo de espólio entretanto encontrado no estrato 02 com este segundo edifício dado que, para além do nível de destruição não se distinguir claramente do edifício paleocristão, pode haver algumas infiltrações de espólio do nível 01, que, como veremos, tem fragmentos cerâmicos e outros de várias épocas. No nível superior deste estrato existiam igualmente fragmentos –alguns de grandes dimensões– de *tegulae* e *imbrices*, o que sugere a existência de um segundo telhado feito com estes materiais cuja tipologia e talvez reaproveitamento perduram até à Idade Média (ver nota 9).

Alguma cerâmica cinzenta alti mediévica poderá também estar relacionada com este segundo edifício.

A igreja medieval

Como dissemos já, o edifício actual cuja

existência está comprovada pela documentação a partir do século XII, foi profundamente remodelado, pelo menos, a partir do século XVI. Face a essas obras, a nível das estruturas, resta muito pouco da Idade Média. A parte da construção menos alterada é a capela-mor, onde algumas paredes conservam ainda alguma unidade de materiais com aspecto de silharia tardo-medieval, para além da fresta da cabeceira e da fresta da parede Norte. Na face exterior da parede da cabeceira é mesmo possível ver claramente três fases de alteamento do edifício, que devem corresponder aos períodos de antes do século XVI, depois do século XVI e ao século XVIII.

No interior a escavação veio pôr a descoberto o pedestal de suporte do antigo altar-mor, ladeado por dois espaços revestidos com tijoleira reaproveitada e entre a qual foi encontrada um vintém de D. Pedro II (1667-1683) o que significa que este pavimento é posterior às obras solicitadas pelos vizinhos do lugar em 1557 (CAMPO BELLO, 1984, 337).

Mas esse pavimento devia primitivamente estender-se por toda a capela-mor pois foram encontrados fragmentos de tijoleira enterrados um pouco por todo o lado. Foi destruído por alguns enterramentos iniciados no século XVIII.

A meio da área escavada apareceu um muro transversal no sentido Norte/Sul, faceado e rebocado na face voltada para o arco, cuja construção parece ser moderna (século XVI?) e feita com a finalidade de travar e reforçar os alicerces das paredes. Não era faceado na parte voltada para Leste, criando assim uma espécie de fosso irregular entulhado entre este muro e o supedâneo do altar-mor.

Na área do arco triunfal a escavação pôs a descoberto o alicerce do arco medieval, muito mais largo do que o actual. Na parede Norte encontra-se uma porta presentemente entaipada que daria acesso a um compartimento lateral (capela; baptistério?) que já não existe, tendo aí sido construída recentemente uma inestética capela mortuária. O alicerce do arco passa por cima do muro paleocristão M 2. No espaço que o separa do muro de travamento encontrava-se um nível de derrube constituída por pedras e fragmentos de *tegula* que nos parece estar mais relacionado com a igreja alti mediévica do que as ruínas paleocristãs.

No corpo principal da igreja existia uma «grelha sepulcral» composta por nove sepulturas alinhadas ao longo do corredor central, definidas por traves de madeira e cobertas com tampas do mesmo material. Esta «grelha sepulcral» centrada

definia e condicionava todo o espaço interior do corpo principal da igreja, todo ele funéreo, excepto nos cantos junto ao arco triunfal pois aí existiam dois pavimentos quadrangulares de granito que serviam de suporte a altares colaterais. Esta «grelha sepulcral», que aproveitou e reutilizou as sepulturas cavadas no saibro a que já nos referimos, poderá datar da segunda metade do século XVI ou mesmo de época posterior, o que não quer dizer que anteriormente não houvesse enteramentos dentro da igreja, como é óbvio. Porém os sucessivos remeximentos para novas inumações tornaram difícil datar algum do seu variado espólio, com a dificuldade aqui acrescida de que a terra utilizada para encher as sepulturas vinha já com um grande conjunto de vestígios arqueológicos provenientes de outro local da vila de Gaia e composto por um leque tão variado de cerâmica que apresenta fragmentos desde o período pré-romano até à louça das fábricas locais do século XIX, para além de outros materiais. Os restos humanos eram muitos poucos e fragmentados.

Mas se da cerâmica exumada muito pouca terá realmente a ver com a igreja medieval, já o mesmo não se passará com os numismas e medalhas encontrados. O hábito de colocar a moeda de Caronte junto do corpo do falecido manteve-se vivo em Vila Nova de Gaia até ao presente,¹¹ pelo que poderemos concluir que as moedas medievais (e as posteriores) encontradas durante a escavação estão relacionadas com os enterramentos na igreja. Pela sua cronologia poderemos inferir alguns ritmos de inumação para as diversas épocas. Infelizmente o seu mau estado de conservação tem tornado o seu estudo demorado.¹² No ponto actual

11. Em Vila Nova de Gaia o costume de colocar moedas no bolso, ou sob as mãos cruzadas dos mortos, perdurou até à actualidade, conforme se pode ler em COSTA, 1980, 200, para além de objectos de uso pessoal. CARLOS VALLE, 1969, na *Revista de Etnografia* vol. XIII, Tomo I, pág. 172, também citado por COSTA, *op. cit.*, admite a convicção de que o dinheiro seja para pagar a travessia no postigo de Santiago de Compostela.

As moedas mais recentes encontradas nas escavações da Igreja de Gaia são contemporâneas dos últimos enterramentos ali efectuados (cerca de 1870).

12. Uma parte das moedas, medalhas e crucifixos metálicos saídos desta escavação estão em tratamento na Casa Tait, no Museu Numismático da Câmara Municipal do Porto. Outra parte está a ser tratada no Laboratório de Arqueologia da Casa Municipal de Cultura (Solar Condes de Resende). Devido à sua grande quantidade e à falta de pessoal especializado neste tipo de tratamento, o seu estudo tem igualmente sido demorado, tendo em vista a elaboração do respectivo Catálogo.

dos nossos conhecimentos apenas poderemos dizer que existem em número significativo moedas das 1^{as} e 2^{as} dinastias, com particular destaque para as da época de D. João I, aliás em curiosa sintonia cultural com um dintel epigrafado da mesma época aparecido nas cercanias da igreja (LAGOA, 1909; GUIMARÃES, 1989).

Para além dos numismas, poderão também ser tardo-medievais algumas medalhas religiosas encontradas nas sepulturas, nomeadamente uma da Ordem de S. João de Malta e duas da Ordem de S. Bento. É mais problemática a datação de contas e anéis de vidro ou de objectos votivos e religiosos, como figas, vieiras, crucifixos em metal, etc., bem assim como algumas figurinhas em barro que talvez representem o evangelista S. Marcos¹³ e algumas outras figuras de Cristo também em

13. Pensamos que as figuras de barro encontradas representam S. Marcos por vários motivos: primeiro, a indumentária é a habitual nos apóstolos, ou seja, uma túnica coberta por um manto; segundo, o livro na mão é próprio dos apóstolos evangelistas; terceiro, não obstante faltar o outro atributo de S. Marcos —o leão—, a devoção local a este santo é muito antiga e dela faz eco ALMEIDA GARRETT em o Arco de Santana.

«A Capella de S. Marcos, que se contava pela mais antiga, cuja fundação se perde na escuridão dos seculos, e era situada perto do Castello de Gaya do lado do Norte, virada ao Poente, e collocada ao longo do caminho, que segue da Igreja ao mesmo Castello, foi gasta pelo tempo; e os restos foram ainda ha pouco tapados por um muro, e juntos á casa, a que estava proxima pelo lado do Sul, e Nascente, e pertence a Antonio de Freitas Faria Salgado. A Capella de S. Marcos, que consta por tradição «fôra a primeira Sé» gozava o direito de um Voto, em virtude do qual o Illm^o. Cabido da Sé do Porto era obrigado a vir no dia do Santo a 25 d' Abril á mesma Capella incensar, e practicar outros actos religiosos; cujo costume foi interrompido por motivo de uma cheia, que impediu a passagem do rio, e continuou depois a fazer-se o mesmo ceremonial da banda d'além no sitio das Virtudes, que fica fronteiro á Capella: porém desde 1832 não se practicou mais esse acto de veneração —o tempo tem o poder de modificar tudo; e ainda mesmo as melhores practicas, e os costumes mais sanctos, ou mais regulares...» *Descrição...*, pág. 53/54 1861-1881.

A sua cronologia é mais problemática. Se uma das figuras nos parece nitidamente inserida numa estética medieval, as restantes parecem-nos mais modernas. Apareceram todas nas camadas superficiais da área sepulcral da igreja (00 e 01). Não seria muito fantasiosos supôr-se que as sepulturas da Igreja de Gaia foram em dada altura preenchidas com terra proveniente da demolida Capela de S. Marcos e estas figuras (inteiras ou fragmentadas) terem vindo nessa terra, também ela santa.

A origem destas figurinhas é romana: veja-se ALARCÃO, DELGADO, 1969, 53 e 61. Ainda hoje em Coimbrões, perto do Castelo de Gaia, se fabricam bonecos de barro com estas características.

Na Igreja de Gaia, para além do orago principal que é Jesus Cristo crucificado, continuou a venerar-se Santa Liberata, a única mulher crucificada da hagiologia cristã (VILA, 1978).

barro, cujo paralelo só encontramos até à data em Huelsa del Comun, Teruel, aqui denominados *perillanes*¹⁴ e encontrados também junto do castelo medieval, mas para os quais não é avançada qualquer cronologia (PALOMAR ROS, 1983).

As paredes do corpo principal da igreja parecem ter sido todas remodeladas ao longo da Época Moderna, não obstante a evidência de um ou outro silhar reaproveitado. O púlpito apresenta um cachorro do século XVII. Só na frontaria existem algumas pedras que poderão ter pertencido à fachada medieval. Sobretudo a partir do interior eram ainda evidentes a ombreira de uma porta anterior à actual –que deve ser da segunda metade do século XVII– e o arranque do arco que já não existe.

CONCLUSÕES

Podemos pois concluir que a igreja de Gaia apresenta hoje muito poucos vestígios medievais na sua estrutura. A Idade Média plena está aqui mais presente através do espólio arqueológico funerário, representado sobretudo por moedas. A documentação conhecida sobre este templo, concerteza uma pequena amostra daquela que ainda restará inédita ou por estudar, em articulação com os novos dados que a arqueologia veio revelar, permitiu-nos assim saber muito mais sobre esta igreja, este lugar e os habitantes da povoação de Gaia que com eles se relacionaram desde o século IV até ao século XVI. Outras épocas também aqui presentes ficarão para outros estudos.

14. De *perilla*, barbicha, ou de *perillo*, pãozinho de massa doce cortado em bicos? *Perillán (na)* significa ainda pessoa astuta, ladina, esperta ou velhaca, o que não é de supôr que se aplica a figuras que representam Jesus Cristo, ainda que populares (ver *Diccionario de Espanhol-Português*, de JÚLIO MARTÍNEZ ALMOYNA, Porto Editora, 2.ª edição, Porto, 1984).

Nota final: Agradecemos a Margarida Cunha a dactilografia dos textos. Também a colaboração de Amélia Sousa e Elsa Fontão. Os desenhos das Estampas II e III são da Dr.ª Maria da Graça Peixoto. A fotografia da Igreja de Gaia é do Arq.º Manuel Magalhães, que nos forneceu alguns elementos técnicos, e a reconstituição e desenho da Estampa III são do autor.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J., DE, 1985. *Roman Portugal*, II (inventário) Fasc. 1: 1. Porto, 2. Bragança, 4. Viseu; Aris & Phillips, LTD, Warminster.
- ALARCÃO, J., DE; DELGADO, M., 1969. *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades: 1ª. Parte Antiguidades Ibéricas e Romanas* (Organizado por), Biblioteca Nacional, Lisboa.
- ALMEIDA, C.A.F., DE, 1988. *Arte da Alta Idade Média, História da Arte em Portugal*, 2, Publicações Alfa, Lisboa.
- AZEVEDO, R., DE, 1958 e 1962. *Documentos Medievais Portugueses - Documentos Régios*, (DMP-DR) I, II e III. Academia Portuguesa de História, Lisboa.
- BELTRÁN LLORIS, M., 1990. *Guia de la Cerámica Romana*. Libros Pórtico, Zaragoza.
- BURILLO MOZOTA, F., 1983. *La Alfarería de Huesa del Comun*, Apêndices de JOSÉ PALOMAR ROS. Seminário de Arqueologia y Etnologia Turolense, Série Etnologia, 4, Colegio Universitario, Teruel.
- CAMPO BELLO, CONDE DE, 1984. Para a História da Igreja de Santa Marinha de Gaia, *Gaya*, II, G.H.A.V.N.G., Vila Nova de Gaia.
- COELHO, A.B., 1989. *Portugal na Espanha Árabe*, 1. Geografia e cultura, 2. História, 2ª. Edição, Editorial Caminho SA, Lisboa.
- COSTA, F.B. da, 1980. *S. João Baptista de Canelas – Notas Monográficas*; Paróquia de Canelas, Vila Nova de Gaia.
- COSTA, F.B. da, 1983. *Memórias Paroquiais – V.N. de Gaia 1758*; Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia / Gabinete de História e Arqueologia, Vila Nova de Gaia.
- Crónica de Idácio – Descrição da Invasão e Conquista da Península Ibérica pelos Suevos* (séc. v); versão e anotações de JOSÉ CARDOSO, Universidade do Minho, Braga.
- DELGADO, M., 1992. Cerâmicas Romanas Tardias de Mértola Originárias do Médio Oriente, *Arqueologia Medieval*, 1, Edições Afrontamento, Porto.
- Descrição Topográfica de Villa Nova de Gaya...* por JOÃO MONTEIRO DE AZEVEDO, acrescentada por MANUEL RODRIGUES DOS SANTOS 2ª. edição, Porto (*Descrição*).
- Documentos Medievais Portugueses - Documentos Régios* - ver AZEVEDO, 1958 e 1962 (DMP-DR).
- FERNANDES, A. s/d. Vila Nova de Gaia, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, XXV, pag. 670. Editorial Enciclopédia, Lisboa / Rio de Janeiro (G.E.P.B.C.).
- FERNANDES, A., 1985. Os Primeiros Documentos de Santa Maria de Salzedá (até à Morte da Fundadora – Comentários e Defesa. *Revista de Guimarães*, XLIV e XCV (Separata), Sociedade Martins Sarmiento, Barcelos.
- Foraes de Villa-Nova, e Gaya impressos por Ordem de III^{ma} Camara Constitucional (Foral, 1255, 1288, 1518)*. Porto, Typ. de Viuva Alvarez Ribeiro e Filhos, 1823.
- GUIMARÃES, G., 1987. *Algums Materiais Arqueológicos de Estações da Margem Sul do Rio Douro*: As Tegulae, Lvcerna (no prelo).
- GUIMARÃES, G., 1989. Escavações Arqueológicas na Igreja do Bom Jesus de Gaia, in *Boletim Cultural Amigos de Gaia*, 28, Dezembro, vila Nova de Gaia.
- LAGOA, C., 1909. Uma Inscrição Curiosa, *O Tripeiro*, 46, Porto.
- Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*, edição crítica pelo P. Avelino de Jesus da Costa, Assembleia Distrital de Braga, I, 1965, II, 1978, Braga (L.F.).
- Livro Preto da Sé de Coimbra*; Arquivo da Universidade de Coimbra, 1977 (L.P.).
- MAGRO, P., 1990. *Assisi - História Arte Espiritualidad*, Casa Editrice Franciscana, Assisi.
- MARTÍNEZ ALMOYNA, J., 1984. *Diccionario de Espanyol - Português*, Porto Editora, 2ª. edição, Porto.
- MATTOS, A. DE, 1936. As Estradas Romanas no Concelho de Gaia, *Brotéria*, XXIV, 6, Lisboa.
- MATTOSO, J., 1968. *Le Monachisme Ibérique et Cluny - Les Monastères du Diocese de Porto de l'au mille à 1200*; Université de Louvain.
- MOREIRA, D.A., 1973. Freguesias da Diocese do Porto - Elementos Onomásticos Alti-Medievais, I Parte - Introdução Histórica Geral, *Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, XXXIV, 1-2, Porto.
- MOREIRA, D.A., 1987. *Freguesias da Diocese do Porto. Elementos Onomásticos Alti-Medievais: O Concelho de Gaia*, Documentos sobre Vila Nova de Gaia, 5, C.M. Gaia / G.H.A.V.N.G., Vila Nova de Gaia.
- OLIVEIRA, M. DE, 1967. *Ovar na Idade Média*; Câmara Municipal, Ovar.
- PALOMAR ROS, J., 1983. Apêndices de *La Alfareria de Huesa del Comun* (ver BURILLO MOZOTA, 1983).
- Plano de Pormenor do Castelo de Gaia - Inventário Geral* - AFONSO, J.A.; CAMPOS, E.; GUIMARÃES, G.; PEDROSA, A.; PEDROSA, F.; TAVARES, J.A.; VALENTE, A. (Dactilografado), 1.ª parte, 1989.
- Portvgaliae Monvmenta Histórica a Saecvlo Octavo post Christvm vsque ad Qvintvndecimvm*, 1867 Ivssv Academie Scientarvm Olisiponensis edita; Diplomata et Chartae, Vol men I, Olisipone, Typis Academicis, MDCCCLXVII (D.C.).
- Prospecção Igreja do Bom Jesus de Gaia*. Relatório: Belbetões, Dezembro 1990, (dactilografado).
- SILVA, A.C.F., DA, 1984. Aspecto da Proto-História e Romanização no Concelho de Vila Nova de Gaia e Problemática do seu Povoamento, *Gaya*, II, G.H.A.V.N.G., Vila Nova de Gaia.
- SILVA, A.C.F., DA, 1986. *A Cultura Castreja no Noreste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
- TORRES, C., 1992. A Sé Catedral de Idanha, *Arqueologia Medieval*, 1, Edições Afrontamento, Porto.
- VILA, R., 1978. Santa Liberata (A Grande Ausente da 1ª Exposição de Arte Religiosa de Gaia), *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, 5, Outubro, 1978. Vila Nova de Gaia.